



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro
Quarta-feira, 12 de Outubro de 2011

[[Vídeo](#)]

Salmo 126

Prezados irmãos e irmãs

Nas catequese precedentes meditámos sobre alguns Salmos de lamentação e confiança. Hoje gostaria de reflectir convosco sobre um Salmo com características alegres, uma prece que, no júbilo, canta as maravilhas de Deus. É o Salmo 126 — 125 segundo a numeração greco-latina — que celebra as grandes obras que o Senhor realizou com o seu povo e que, continuamente, faz com cada crente.

O Salmista, em nome de Israel inteiro, começa a sua oração, recordando a experiência exaltante da salvação:

«Quando o Senhor restaurar o destino de Sião,
será para nós como um sonho.

A nossa boca encher-se-á de alegria, e os nossos lábios, de canções» (vv. 1-2a).

O Salmo fala de um «destino restaurado», ou seja, restituído ao estado originário, em toda a sua positividade precedente. Isto é, começa-se a partir de uma situação de sofrimento e necessidade, à qual Deus responde realizando a salvação e levando o orante à condição precedente, aliás, enriquecida e melhorada. É quanto acontece com Job, quando o Senhor lhe restitui tudo aquilo

que ele tinha perdido, duplicando-o e concedendo-lhe uma bênção ainda maior (cf. *Jb* 42, 10-13), e é isto que experimenta o povo de Israel, quando volta para a pátria do exílio babilónico. É precisamente em relação ao fim da deportação para a terra estrangeira que este Salmo é interpretado: a expressão «restaurar o destino de Sião» é lida e entendida pela tradição como «fazer voltar os cativos de Sião». Com efeito, o regresso do exílio é o paradigma de cada intervenção divina de salvação, porque a queda de Jerusalém e a deportação para a Babilónia foram uma experiência devastadora para o povo eleito, não só nos planos político e social, mas inclusive e sobretudo nos planos religioso e espiritual. A perda da terra, o fim da monarquia davídica e a destruição do Templo parecem como uma negação das promessas divinas, e o povo da aliança, disperso entre os pagãos, interroga-se dolorosamente sobre um Deus que parece tê-lo abandonado. Por isso, o fim da deportação e o regresso à pátria são experimentados como uma volta maravilhosa à fé, à confiança e à comunhão com o Senhor; é um «restabelecimento do destino», que implica também conversão do coração, perdão, amizade reencontrada com Deus, consciência da sua misericórdia e possibilidade renovada de O louvar (cf. *Jr* 29, 12-14; 30, 18-20; 33, 6-11; *Ez* 39, 25-29). Trata-se de uma experiência de alegria transbordante, de sorrisos e gritos de júbilo, tão exaltante que «parece um sonho». As intervenções divinas têm com frequência formas inesperadas, que vão além do que o homem possa imaginar; eis, então, a maravilha e a alegria que expressam no louvor: «O Senhor fez maravilhas». É quanto dizem as nações, e é aquilo que proclama Israel:

«Então, dir-se-á entre os povos:

“O Senhor faz maravilhas com eles!”.

O Senhor faz maravilhas connosco;

em nós, tudo é alegria» (vv. 2b-3).

Deus faz grandes obras na história dos homens. Realizando a salvação, revela-se a todos como Senhor poderoso e misericordioso, refúgio do oprimido, que não se esquece do clamor dos pobres (cf. *Sl* 9, 10.13), que ama a justiça e o direito, e de cujo amor a terra está cheia (cf. *Sl* 33, 5). Por isso, diante da libertação do povo de Israel, todos os povos reconhecem as grandes obras e as maravilhas que Deus faz pelo seu povo e celebram o Senhor na sua realidade de Salvador. E Israel faz eco à proclamação das nações, e retoma-a repetindo-a, mas como protagonista, como destinatário directo da obra divina: «O Senhor faz maravilhas connosco»; «por nós», ou ainda mais precisamente, «connosco», em hebraico *’immanû*, confirmando assim aquela relação privilegiada que o Senhor mantém com os seus eleitos e que encontrará no nome Emanuel, «Deus connosco», com que é chamado Jesus, o seu ápice e a sua plena manifestação (cf. *Mt* 1, 23).

Caros irmãos e irmãs, na nossa oração deveríamos considerar mais frequentemente o modo como, nas vicissitudes da nossa vida, o Senhor nos protegeu, guiou e ajudou, e louvá-lo por aquilo que fez e faz por nós. Temos que prestar mais atenção às coisas boas que o Senhor nos concede. Estamos sempre atentos aos problemas e dificuldades, e quase não queremos ver que

existem maravilhas que derivam do Senhor. Esta atenção, que se torna gratidão, é muito importante para nós e cria em nós uma memória do bem que nos ajuda também nas horas obscuras. Deus realiza maravilhas, e quem as experimenta — atento à bondade do Senhor com a atenção do coração — sente-se cheio de alegria. Com esta característica de alegria conclui-se a primeira parte do Salmo. Ser salvo e regressar à pátria do exílio é como voltar à vida: a libertação abre ao sorriso, mas juntamente com a expectativa, a um cumprimento que se deve desejar e pedir. Esta é a segunda parte do nosso Salmo que reza assim:

«Restabelecei, Senhor, o nosso destino, como as torrentes do Negueb.

Os que semeiam com lágrimas, recolhem entre cânticos.

Na partida vai chorando,

o que leva a semente;

no regresso vem cantando,

o que transporta os feixes das espigas» (vv. 4-6).

Se no início da sua oração, o Salmista celebrava a alegria de um destino já restaurado pelo Senhor, agora pede-a como algo ainda a realizar-se. Se aplicarmos este Salmo ao regresso do exílio, esta aparente contradição explicar-se-ia com a experiência histórica, feita por Israel, de um regresso difícil à pátria, só parcial, que induz o orante a pedir uma nova intervenção divina para completar o restabelecimento do povo.

Mas o Salmo vai além do dado puramente histórico, abrindo-se a dimensões mais amplas, de tipo teológico. Contudo, a experiência consoladora da libertação da Babilónia ainda está incompleta, «já» ocorrida, mas «ainda não» distinta pela plenitude definitiva. Assim, enquanto na alegria celebra a salvação recebida, a prece abre-se à expectativa da realização plena. Por isso, o Salmo utiliza imagens especiais que, com a sua complexidade, remetem para a realidade misteriosa da redenção, em que se entrelaçam dom recebido e esperado, vida e morte, júbilo de sonho e lágrimas de dor. A primeira imagem refere-se aos rios secos do deserto de Negueb que, com as chuvas, se enchem de água impetuosa que dá nova vida ao terreno árido, fazendo-o reflorescer. Portanto, o pedido do Salmista é que o restabelecimento do destino do povo e o regresso do exílio sejam como aquela água, impetuosa e incessante, e capaz de transformar o deserto num imenso campo de relva verde e de flores.

A segunda imagem passa das colinas áridas e rochosas de Negueb para os campos que os camponeses cultivam para dali tirar o alimento. Para falar da salvação, evoca-se aqui a experiência que cada ano se renova no mundo agrícola: o momento difícil e cansativo da sementeira e depois a alegria transbordante da colheita. Uma sementeira que é acompanhada pelas lágrimas, porque se lança o que ainda poderia tornar-se pão, expondo-se a uma expectativa cheia de incertezas: o camponês trabalha, prepara o terreno, lança a semente mas, como explica bem a parábola do semeador, não sabe onde esta semente cai, se os pássaros a comerão, se brotará, se lançará raízes, se chegará a tornar-se espiga (cf. *Mt* 13, 3-9; *Mc* 4, 2-9;

Lc 8, 4-8). Semear é um gesto de confiança e esperança; é necessária a diligência do homem, mas depois deve-se entrar numa expectativa impotente, consciente de que muitos factores serão determinantes para o bom êxito da colheita e que o risco de uma falência está sempre à espreita. E no entanto, ano após ano, o camponês repete o seu gesto e lança a sua semente. E quando ela se torna espiga, e os campos se enchem de searas, eis a alegria de quem se encontra diante de um prodígio extraordinário. Jesus conhecia bem esta experiência, e falava dela com os seus: «Dizia: “O Reino de Deus é como um homem que lança a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como”» (Mc 4, 26-27). É o mistério escondido da vida, são as grandes «maravilhas» da salvação que o Senhor realiza na história dos homens, e cujo segredo os homens ignoram. A intervenção divina, quando se manifesta plenamente, demonstra uma dimensão impetuosa, como os rios do Negueb e como o trigo nos campos, este último evocador também de uma desproporção típica das realidades de Deus: desproporção entre o cansaço da sementeira e a imensa alegria da colheita, entre a ansiedade da espera e a visão tranquilizadora dos celeiros cheios, entre as pequenas sementes lançadas à terra e as grandes quantidades de feixes dourados pelo sol. Com a ceifa, tudo se transforma, o pranto termina, deixando lugar aos gritos de alegria exultante.

A tudo isto faz referência o Salmista para falar da salvação, da libertação, do restabelecimento do destino, da volta do exílio. A deportação para a Babilónia, como todas as outras situações de sofrimento e de crise, com a sua escuridão dolorosa, feita de dúvidas e de aparente distância de Deus, na realidade — diz o nosso Salmo — é como uma sementeira. No Mistério de Cristo, à luz do Novo Testamento, a mensagem faz-se ainda mais explícita e clara: o crente que atravessa a escuridão é como o grão de trigo que cai à terra e morre, mas para dar muito fruto (cf. Jo 12, 24); ou então, retomando outra imagem querida a Jesus, é como a mulher que sofre as dores de parto para poder chegar à alegria de dar à luz uma nova vida (cf. Jo 16, 21).

Amados irmãos e irmãs, este Salmo ensina-nos que, na nossa oração, devemos permanecer sempre abertos à esperança e firmes na fé em Deus. A nossa história, mesmo marcada muitas vezes pela dor, por incertezas e por momentos de crise, é uma história de salvação e de «restabelecimento do destino». Em Jesus, todos os nossos exílios terminam, e toda a lágrima é enxugada, no mistério da sua Cruz, da morte transformada em vida, como grão de trigo que se abre na terra, tornando-se espiga. Também para nós esta descoberta de Jesus Cristo é o grande júbilo do «sim» de Deus, do restabelecimento do nosso destino. Mas como aqueles que — tendo voltado da Babilónia cheios de alegria — encontraram uma terra depauperada e devastada, assim como a dificuldade da sementeira, e sofreram chorando pois não sabiam se realmente no fim haveria a colheita, do mesmo modo nós, após a grande descoberta de Jesus Cristo — a nossa vida, a verdade e o caminho — entrando no terreno da fé, na «terra da fé», encontramos com frequência uma vida obscura, dura, difícil, uma sementeira com lágrimas, mas temos a certeza de que a luz de Cristo nos concede no final, realmente, a grande colheita. E devemos aprender isto também nas noites escuras, sem esquecer que a há a luz, que Deus já está no meio da nossa vida e que podemos semear com grande confiança, porque o «sim» de Deus é

mais forte que todos nós. É importante não perder esta recordação da presença de Deus na nossa vida, esta alegria profunda que Deus entrou na nossa vida, libertando-nos: é a gratidão pela descoberta de Jesus Cristo, que veio entre nós. E esta gratidão transforma-se em esperança, é estrela da esperança que nos dá a confiança, é a luz, porque precisamente as dores da sementeira são o início da vida nova, da grande e definitiva alegria de Deus.

Saudação

Saúdo os diversos grupos de peregrinos vindos do Brasil e demais participantes de língua portuguesa, cujos passos e intenções confio à Virgem Maria. Este mês de Outubro convida-nos a perseverar na reza diária do terço; que, desta forma, as vossas famílias se reúnam com a nossa Mãe do Céu, para cooperarem plenamente com os desígnios de salvação que Deus tem sobre vós. Com afecto concedo-vos, a vós e aos vossos familiares, a minha Bênção Apostólica.

Apelo

Sinto-me profundamente entristecido pelos episódios de violência que se verificaram no Cairo no domingo passado. Uno-me ao sofrimento das famílias das vítimas e de todo o povo egípcio, dilacerado pelas tentativas de insidiar a coexistência pacífica entre as suas comunidades, que ao contrário é essencial salvaguardar, sobretudo neste momento de transição. Exorto os fiéis a rezar para que aquela sociedade goze de uma paz verdadeira, baseada na justiça, no respeito da liberdade e da dignidade de cada cidadão. Além disso, apoio os esforços das autoridades egípcias, civis e religiosas, a favor de uma sociedade na qual sejam respeitados os direitos humanos de todos e, em particular, das minorias, em benefício da unidade nacional.